

## Breve histórico da antropologia - Cronistas e viajantes

Bibliografia básica: **LAPLANTINE**, François - “A pré história da antropologia: a descoberta dos viajantes do século XVI e a dupla resposta ideológica dada daquela época até nossos dias” (pg 37 a 54) e “O século XVIII: a invenção do conceito de Homem” (pg 54 a 62), in: Aprender Antropologia, Brasiliense, São Paulo, 1991.

Bibliografia Complementar:

**ROCHA**, E. - O que é etnocentrismo, São Paulo, Brasiliense, 1994.

**TODOROV**, Tzvetan – A Conquista da América: a questão do outro, São Paulo, Martins Fontes.

- Vimos na aula passada que a gênese da reflexão antropológica é contemporânea á descoberta do Novo Mundo → Com as Grandes Navegações, os espanhóis encontraram, além das terras, seus habitantes.

- Como então lidar com a diferença? Como explicá-la? Tal questão tinha que ser respondida

1º) Porque os homens necessitam de esquemas classificatórios que ordenem o que ele não entende → esta necessidade é a base da reflexão científica

2º) Por questões morais e religiosas → Teriam os povos descobertos ALMA? Seriam passíveis de conversão ao catolicismo?

3º) Por questões de DOMÍNIO } expansionismo/colonialismo europeus

- De modo geral, a diversidade das culturas aparece menos como fato positivo e mais como aberração que necessita de justificação (e isso, até hoje, apesar dos avanços da antropologia).

- A gente pode dizer que, no mínimo desde o século XIV até o século XIX, a relação dos missionários, viajantes, colonizadores e pesquisadores foi predominantemente de DOMÍNIO – massacre de etnias inteiras.

- Domínio dos portugueses: - desejo de enriquecer

espanhóis - ser senhor no Novo Mundo (uma vez que muitos na tinham poder na Europa)

- idéia de uma inferioridade do índio



Las Casas	Sepúlveda
<p>Pg 38: <i>“Àqueles que pretendem que os índios são bárbaros, respondemos que estas pessoas tem aldeias, vilas, reis, senhores, e uma ordem política que em alguns reinos, é melhor do que a nossa (...) Nós mesmos fomos piores”</i></p>	<p>Pg 39: <i>“Tais nações são bárbaras e desumanas, estranhas à vida civil e aos costumes pacíficos. E será sempre justo e conforme o direito natural que estas pessoas estejam submetidas ao império de príncipes e de nações mais cultas e humanas (...) que abandonem a barbárie e se conformem á uma vida mais humana”.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- inspiração nos princípios cristãos</li> <li>- mandamento de Cristo: Amarás ao próximo como a ti mesmo</li> <li>- não há uma diferença de natureza entre os homens pois todos podem tornar-se cristãos</li> <li>- a igualdade é o princípio inabalável da tradição cristã.</li> <li>- não se reconhece o particularismo da religião indígena.</li> <li>- o traço mais característico dos índios é a sua semelhança com os cristãos.</li> <li>- índios são obedientes e pacíficos</li> <li>- todas as nações tem feições meigas (mesmo em locais distantes entre si, como a Flórida e o Peru)</li> <li>- estados psicológicos é tudo o que aparece nos relatos de Las Casas: bons, pacíficos, pacientes, tranqüilos.</li> <li>- nada se fala sobre a organização social, política ou cultural</li> </ul> <p>Igualdade:L.C move-se no terreno da igualdade, mas a transforma em identidade do mesmo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- inspiração na <u>Política</u> de Aristóteles (384-322 aC)</li> <li>- Guerra justa: os espanhóis devem dominar os índios.</li> <li>- princípio aristotélico: distinção entre os que nasceram senhores e os que nasceram servos/escravos.</li> <li>- há uma diferença de natureza entre os homens.</li> <li>- a hierarquia, e não a igualdade, é o estado natural da sociedade.</li> <li>- toda hierarquia baseia-se num único princípio, postulado por Aristóteles, do domínio da perfeição sobre a imperfeição, da força sobre a fraqueza.</li> <li>- espanhóis = pais=marido=humanos Índios = crianças=mulher=animais</li> <li>- índios são por natureza submissos; praticam o canibalismo; sacrificam seres humanos, ignoram a religião cristã. Portanto, 1) É legítimo sujeitar pela força aqueles que devem obedecer a outros, 2) É legítimo banir o crime abominável de comer carne humana, 3) É legítimo salvar inocentes do sacrifício ritual, 4) a guerra contra os infiéis é justificada, pois abre caminho para a difusão da religião cristã e facilita o trabalho dos missionários.</li> </ul> <p>hierarquia: Sepúlveda move-se no terreno da diferença, mas a transforma em desigualdade</p>

- Este debate se desdobrará depois nos seguintes termos:

2) 2.1 – A figura do Mau Selvagem X 2.2- A figura do Mau

e do Bom Civilizado

Selvagem e do Bom Civilizado.

## 2.1 – A Figura do Mau Selvagem e do Bom Civilizado

- Século XIV ao XVIII: índios eram chamados de “naturais” ou “selvagens”.

- Eles estavam, aos olhos do europeu, fora da cultura, imersos na natureza (“uma outra espécie de bicho”). Vale lembrar que por mais absurdo que pareça, às vezes, na atualidade, ouvimos “ecos” disto (Ex: programa de televisão aqui do estado, que na chamada colocou uma reportagem sobre os índios de Aracruz na parte “Natureza”. O próprio termo “reserva indígena”, de acordo com o modo pelo qual é empregado, nós dá a sensação de que trata-se de uma espécie de “zoológico de gente”).

- A pergunta que se fazia era: **Será que o índio é homem ou é animal?**



Critérios para se responder a esta pergunta:

1º ) religião: tinham ou não alma? Podiam ou não ser convertidos ao catolicismo?

2º) aparência física: nudez/pele escura/sem pelos.

3º) comportamentos alimentares: comer carne crua (imaginário do canibalismo)

4º) inteligência: linguagem – falavam uma língua ininteligível

5º) Estado: em geral, não possuíam organização estatal nos moldes europeus – eram acusados de serem “sem rei”.

6º) organização familiar e sexualidade – família extensa

- sexualidade incontida

- incesto



Índios eram definidos não pelo que eles eram realmente, mas pela FALTA de elementos ocidentais: Sem lei, sem rei, sem moral, sem vergonha, sem razão...

Eram, numa palavra, **BESTIAIS**

- É claro que hoje sabemos que tais critérios eram absolutamente ETNOCÊNTRICOS, ou seja, o europeu olhava a cultura indígena e a comparava com a sua, portanto, via o índio permanentemente em falta.

- Ainda não se percebia que cada cultura tem a sua lógica própria. A única lógica possível na época ainda era a ocidental, branca, de elite...

Exs: Cornelius de Pauw – Pesquisas sobre os americanos ou relatos interessantes para servir à espécie humana (1774)

- Índios da América do Norte
- A influência da natureza sobre os índios é total e negativa
- Embrutecidos pelo clima: “temperamento tão úmido quanto o ar e a terra onde vegetam”
- Degradados moralmente: insensíveis, preguiçosos “os californianos vegetam mais do que vivem e somos tentados a recusar-lhes uma alma”
- Pg 41: “Nosso Senhor permitiu que fossem atirados e banidos da face da terra”
- “É uma glória dos reis espanhóis terem feito o índio aceitar um único Deus...ter tirado deles a idolatria, os sacrifícios humanos, o canibalismo, a sodomia...lhes mostramos os bons hábitos para se viver...isso vale mais do que as pérolas que tiramos deles...”

Friedrich Hegel – Introdução à filosofia da história

- Pg 45: África é a forma mais inferior de uma infra-humanidade
- Signo da FALTA: os negros não respeitam nada, nem a si próprios, fazem comércio de carne humana.
- Ferocidade inconsciente de si mesmos
- Selvageria em estado bruto
- Não tem moral, instituições sociais, religião, Estado...
- Estão separados da humanidade por um fosso intransponível.
- Negro: não é senão vegetal. “Ele cai”, escreve Hegel, “para o nível de uma coisa, de um objeto sem valor”



NATIVO (seja ele negro ou índio) é o INVERSO DO CIVILIZADO e Mau por definição. Portanto, a conquista ou o massacre estão justificados.

## 2.2 – A figura do Bom Selvagem e do Mau Civilizado.

- idéia romântica do selvagem enquanto feliz, puro, protetor da natureza...

- par é o mesmo: sujeito do discurso (civilizado)

Objeto do discurso (o “natural”, selvagem).

- inversão: o que era vazio torna-se cheio.

- principais representantes:

- Cristóvão Colombo/ Américo Vespúcio (séc. XV)
- Jean de Lery e barão de Montaigne (séc XVI)
- Jean Jacques Rousseau (séc. XVIII)
- Romantismo (séc. XVIII)
- Xuxa (séc XX/XXI)

- pg 47 (Américo Vespúcio): “As pessoas estão nuas, são bonitas, de pele escura, de corpo elegante...Nenhum possui qualquer coisa que seja, pois tudo é colocado em comum. E os homens tomam por mulheres aquelas que lhe agradam, sejam elas sua mãe, irmã, ou sua amiga, entre as quais eles não fazem diferença...Eles vivem 50 anos. E não tem governo”

- Cristóvão Colombo: “Eles são muito mansos e ignorantes do que é o mal, eles não sabem se matar uns aos outros (...) Eu não penso que haja no mundo homens melhores, como também não há terra melhor”

→Mas os índios ainda estão na natureza, são um apêndice **bom** da natureza → são **inocentes** → Rousseau: “Os homens nascem bons, a sociedade é que os corrompe”.

- ingenuidade original no estado de natureza.

- pensadores, filósofos, literários, atores de teatro: índio como um **ser puro X civilização européia: degradada, corrompida.**

- fascínio pelo índio no séc. XVIII.

- No século XIX e XX, este fascínio será deslocado para os habitantes da Oceania, dos mares do Sul: Samoa, Ilhas Marquesas, Ilha de Páscoa, Taiti.

- Ex: pg 49, viajante Bouganville – Viagem ao redor do mundo, de 1980.

- Idéia romântica do índio ainda é muito forte no nosso imaginário, mas um perigo para as populações indígenas reais. O senso comum espera que o índio seja “protetor da floresta”, “amigo dos animais” → “engessamento” do índio, sequer percebe-se que existem inúmeras diferenças entre as próprias nações indígenas.

- Índio (ou o negro) que aparece nos dois discursos (tanto o do Bom Selvagem quanto o do Mal Selvagem) é uma **representação** do real e não o real → ainda é uma ficção construída pelo observador (que não tem ainda uma formação antropológica).

- pg 52: **ALTERIDADE FANTASMÁTICA** que não tem muita relação com a realidade. Este **outro** que emerge é apenas um **suporte do nosso imaginário**. Não é o outro considerado em si mesmo e para si mesmo. Laplantine diz que “mal se olha para o índio (ou qualquer outro nativo). Olha-se a **si mesmo** nele”.

- Compreender de fato o nativo (seja ele qual for – o Guarani de Aracruz, o Emo do shopping Vitória, as paneleiras de Goiabeiras, os quilombolas do morro São benedito, os Pomeranos, etc) através do modo como **ele se vê** e não do modo como eu o vejo.

- Hoje observa-se diretamente, em locais geográficos bem circunscritos, através de rigorosa pesquisa de campo e pergunta-se para o nativo quais são as lógicas específicas de sua comunidade.

- Objetivo da antropologia não é mais a conquista e sim o diálogo:

- perceber e valorizar a diferença
- descobrir lógicas
- registrar e veicular os modos de vida de modo a lutar contra a discriminação, o preconceito e o estigma.

- Mas o caminho foi bem árduo e para entendê-lo ainda temos que analisar:

- O projeto antropológico do século XVIII
- O tempo dos pesquisadores eruditos do século XIX

## O século XVIII – A invenção do conceito de Homem

- séculos XIV ao XVI (Renascimento): 1ª interrogação sobre a existência múltipla do homem. Mas, que ainda não pode ser considerada científica.

- século XVII: a idéia de razão, de Cogitus é o centro das discussões e tudo o que não se encaixa na lógica da razão (loucos, crianças, selvagens, mulher) é considerado anormal e objeto menor da ciência → Não podemos ainda falar de estudos antropológicos.

- vai ser no século XVIII que a discussão sobre o Homem será retomada → Constituição de um **projeto** antropológico (e não sua realização) sobre o Homem, transformar a antropologia em ciência.

- O projeto antropológico do século XVIII tem 4 pontos centrais:

1) Construção de um certo número de **conceitos**: Homem enquanto objeto e sujeito do conhecimento

2) Construção de um saber de **observação** e não só de reflexão

- o Homem passa a ser pensado em sua existência concreta: economia, religião, parentesco, mitologia....

- saber empírico e positivo (científico) sobre o homem, uma ciência da sociedade.

3) Problemática essencial: **problemática da diferença**

- antes, só se pensava em um tipo de comportamento, que era o comportamento racional, próprio do civilizado.

- séc. XVIII: crise do humanismo europeu, demasiadamente calcado na razão.

- busca por **novas possibilidades de se estar no mundo**

- reflexão sobre o **particularismo**, não vai mais se falar em humanidade genérica → **O Homem X Os Homens**

4) Método **INDUTIVO**

- até o séc. XVIII: método dedutivo – Deduzir: - consequência tirada de um princípio (não se observa primeiro).

- parte-se da causa para o efeito

- do geral para o particular

- Século XVIII: método INDUTIVO:

- observar para concluir

- particular para o geral
- grupos sociais podem ser considerados como sistemas naturais que devem ser estudados empiricamente, a partir da observação de fatos a fim de extrair princípios gerais.

	Séc XVI	Séc XVIII
Natureza dos objetos observados (o que se observava)	- Busca cosmográfica (céu, terra, fauna, flora, o homem físico)	- Busca etnográfica (costumes, hábitos, modos de pensar) - antropologia cultural e social
Saber	<b>Objeto</b> de estudo é o foco – curiosidades - organização de museus  Coletar	<b>Modo</b> de estudo - Como coletar? - Como analisar o que foi coletado?  interpretar
		Atividade de elaborar e organizar: etnologia, 1789, Chavene.
Quem fazia a pesquisa	- viajantes, missionários	- filósofos + viajantes - observação esclarecida (científica) - 1799-1805: Sociedade dos Observadores do homem (moralistas, filósofos, naturalistas, médicos) - ainda não há uma separação entre saber filosófico e científico - conceito de homem ainda é abstrato